



A VITICULTURA NAS MICRORREGIÕES DO RIO GRANDE DO SUL E SUA DISTRIBUIÇÃO LOCACIONAL

VITICULTURE IN THE MICRORREGIONS OF RIO GRANDE DO SUL AND ITS LOCAL DISTRIBUTION

Ariana Cericatto da Silva*
Eliane Aparecida Gracioli Rodrigues**

RESUMO

Este trabalho analisou a distribuição locacional da viticultura nas microrregiões do Rio Grande do Sul no período de 1995 a 2013. Utilizou-se como indicador de análise regional o Quociente Locacional (QL) e como variáveis o valor da produção de uva em relação ao valor da produção total da lavoura permanente. Os principais resultados mostraram a formação de um novo centro produtor no centro-sul do estado, demonstrando distribuição espacial da produção de uva da região da Serra Gaúcha para as regiões da Campanha e Serra do Sudeste. No entanto, apesar da distribuição espacial que vem ocorrendo nos últimos anos, o maior volume produzido ainda se encontra na microrregião de Caxias do Sul, pertencente à região da Serra Gaúcha a qual historicamente tem tradição na atividade vitícola.

Palavras-chave: Rio Grande do Sul. Valor da produção. Viticultura.

ABSTRACT

This work analyzed the locational distribution of viticulture in the microregions of Rio Grande do Sul from 1995 to 2013. The Locational Quotient (QL) was used as the indicator of regional analysis and as variables the value of grape production in relation to the value of Production of permanent crops. The main results showed the formation of a new production center in the south-central part of the state, demonstrating the spatial distribution of grape production from the Serra Gaúcha region to the regions of Campanha and Serra do Sudeste. However, despite the spatial distribution that has been occurring in recent years, the largest volume still produced is in the Caxias do Sul microregion, belonging to the Serra Gaucha region, which historically has a tradition in winemaking.

Keywords: Rio Grande do Sul. Value of production. Viticulture.

* Doutoranda em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestra em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: ariana_cericatto@hotmail.com

** Doutoranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul, Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria e Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: eco1321@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visou analisar a distribuição locacional da viticultura nas microrregiões do Rio Grande do Sul no período de 1995 a 2013. O tema em questão foi escolhido por tratar-se de uma importante produção no Sul do Brasil, o qual vem contribuindo para a economia do estado do Rio Grande do Sul agregando valor, além de reconhecimento nacional e internacional.

O trabalho divide-se basicamente em cinco partes sendo a primeira esta introdução. Na segunda parte apresentou-se uma breve revisão teórica a respeito dos conceitos de região e especialização regional. Fez-se também uma caracterização das principais regiões produtoras de uva do Rio Grande do Sul.

Na terceira parte, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados. Na quarta parte, têm-se os resultados da produção e da especialização da uva nas microrregiões gaúchas. Por fim, na quinta parte apresentam-se as considerações sobre esta pesquisa.

2 REGIÕES E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL

A região é um produto social, o qual deve ser dinâmico o suficiente para abranger as estruturas internas que tendem a se modificar com o passar do tempo. As potencialidades internas de desenvolvimento de uma região não se referem apenas à sua disponibilidade de estoque de recursos naturais requeridos em algum grau pela economia nacional para atender às demandas interna e externa. As características de uma economia modificam-se no longo prazo, em função de mudanças na dinâmica do crescimento econômico. Essas mudanças podem ser de natureza interna e/ou externa a região, as quais constituem o próprio processo de desenvolvimento econômico regional (BENKO, 1999; HADDAD, 1993).

A definição de região pode ser expressa pelo território ou espaço ao qual representa. Espaço e território não são termos equivalentes e nem sinônimos. Segundo Raffestin (2009) o espaço está em posição que antecede ao território, porque esse é gerado a partir do espaço, constituindo o resultado de uma ação produzida por um ator que realiza um programa em qualquer nível. Apropriando-se concretamente ou abstratamente de um espaço, o ator o territorializa.

O território na vitivinicultura é associado e representado pelo *terrior*. Pitte (2012) usa a definição do latim *territorium* que deu origem a várias palavras francesas, entre as quais *territoire* (território), que designa um espaço do qual se tem a posse, em particular do ponto de vista político, e *terroir* (terreno), que designa a terra destinada à agricultura. Portanto, o termo *terroir* representa um determinado lugar e não, exclusivamente, o produto oriundo da vitivinicultura, embora seja através dela que é mais reconhecido e utilizado.

Referindo-se especialmente a composição de um *terroir* vitícola, Pitte (2012) afirma que na composição deste entram o tipo de solo próprio, um microclima, a disponibilidade de água e, especialmente, um conhecimento específico, mas que, sobretudo revela sempre uma faceta das potencialidades desse espaço.



Dessa forma, o *Terroir* assume uma dimensão simbólica, com identidade cultural que ao ser associado ao produto irá valorizá-lo, o valor deixa de ser atrelado ao custo benefício e assume uma relação hedônica como atrativo diferenciado por ativos intangíveis, ou seja, uma dimensão simbólica. Assim os produtos que carregam esse valor diferenciado transformam-se em especialidades (BLUME, 2008).

A especialização é uma condição necessária, ainda que insuficiente, para o desenvolvimento. Ou seja, a especialização deve ser vista como um meio de incentivar a diversificação da produção interna, de modo que a região possa ser auto-suficiente, e ainda possua o produto, dito como principal, para a exportação (PAIVA, 2006).

Segundo Douglas North (1977), é possível separar as atividades econômicas de uma região em básicas, que produzem bens e serviços vendidos fora da região e atividades não básicas, que são destinadas ao consumo interno. O avanço econômico se dá a partir das atividades de base econômica e o suporte da estrutura institucional, as instituições dão o suporte legal, inovador, estrutural para que a base de exportação renove o seu dinamismo ao longo do tempo. As rendas geradas pela procura dos bens produzidos nas atividades de base impulsionam as atividades não básicas ou locais e induzem o crescimento da região (PIFFER, 1997; NORTH, 2006).

Nesse sentido, a região atrela-se a procura externa e a ela deve adaptar-se para sobreviver. A atividade exportadora, deriva da presença da atividade básica da região. A forma de alavancar a região via esse modelo seria reinvestindo na atividade para que essa dinamize outras atividades.

2.1 PRINCIPAIS REGIÕES VITÍCOLA DO RIO GRANDE DO SUL

A viticultura no Rio Grande do Sul tem como região produtora tradicional a Serra Gaúcha. Todavia, em período mais recente essa atividade aumentou a participação na economia de outras regiões e têm apresentado um significativo incremento na produção. As áreas produtoras de uva no estado dividem-se em quatro principais sub-regiões, mais ao Norte, os Campos de Cima da Serra (microrregião de Vacaria) e a Serra Gaúcha (microrregiões de Caxias do Sul, Passo Fundo, Guaporé e Montenegro), mais ao sul, a Serra do Sudeste (microrregião de Serras de Sudeste) e a Campanha Gaúcha (microrregiões de Campanha Ocidental, Campanha Central e Campanha Meridional) (conforme Figura 1).

A Serra Gaúcha possui uma área de 8.087 Km² e está localizada a uma altitude média de 300 a 900 metros. O clima temperado caracteriza-se pela homogeneidade pluviométrica com alterações térmicas causadas pelo relevo. Essa região é considerada o maior pólo de viticultura do Rio Grande do Sul e a maior região vitícola do país, com uma área de 32,9 mil hectares de vinhedos o qual representa 80,2% de toda a área vitícola do Rio Grande do Sul. Conta com mais de 12 mil pequenas propriedades distribuídas em 19 municípios, o município de Bento Gonçalves (que faz parte da microrregião de Caxias do Sul) é o principal produtor e responde por 15% da área total do estado. (ALBERT et al., 2007; COPELLO, 2015; INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO - IBRAVIN, 2015).



Trata-se de uma viticultura de pequenas propriedades, pouco mecanizada devido à topografia acidentada, onde predomina o uso da mão-de-obra familiar. Mais de 80% da produção da região é de cultivares de uvas americanas, a maior parte dessa produção destina-se a fabricação de vinhos de mesa, sucos e derivados. Em relação à produção de vinhos finos, a região da Serra Gaúcha, obteve destaque a partir da motivação empresarial em agregar maior valor ao produto e fazê-lo competitivo. Essa estratégia resultou na primeira indicação geográfica no Brasil, que foi a Indicação de Procedência do Vale dos Vinhedos, posteriormente, essa certificação também foi alcançada pelas regiões de Pinto Bandeira e Monte Belo, comprovando a qualidade do produto da região. A região da Serra Gaúcha destaca-se também pelo enoturismo, importante gerador de renda para região (PROTAS; CAMARGO, 2010).

Figura 1 – Principais regiões produtoras de uvas do Rio Grande do Sul - 2014



Fonte: Adaptado de Copello, 2015.

A região da Campanha Gaúcha historicamente foi concebida como região de agropecuária extensiva, com altitudes entre os 75 e 420 metros e topografia plana. Nessa região observa-se que a indústria vinícola, diferentemente da pecuária extensiva, caracteriza-se pelo poder de agregação de valor na produção, seja pelo incremento de novos produtos, seja pela variedade da produção de vinhos a partir de diferentes castas de uvas e pela



crescente tecnologia evolvida na produção de vinhos finos. Atualmente, a produção vitivinícola desenvolvida na metade sul do Rio Grande do Sul está expandindo sua participação na produção de vinhos finos o que vem contribuindo para a transformação da paisagem regional. Desta forma, a região se consolida como a segunda principal região produtora do Rio Grande do Sul (COPELLO, 2015).

A cultura da uva na Campanha Gaúcha nos municípios de Santana do Livramento, Quaraí, Uruguaiana, Itaqui e Rosário do Sul, somam uma área plantada de 856 hectares. Outros municípios como Bagé, Candiota, Dom Pedrito, Pinheiro Machado, Hulha Negra, Caçapava do Sul e Lavras do Sul, têm maior participação na área e totalizam 1,89 mil hectares. Isso demonstra a inserção de um cultivo sem a reconhecida tradição colonial como a que ocorreu na Serra Gaúcha. A produção nessas novas áreas ocorre mediante o uso de tecnologias avançadas no manejo, mudando o perfil da produção (BRUM NETO; BEZZI, 2009).

Como destaca Engelmann (2009) esta atividade produtiva trouxe consigo uma nova racionalidade, baseada no mercado e na competitividade. Sendo que as características edafoclimáticas foram a principal motivação dos agentes econômicos para sua instalação na Campanha Gaúcha. Trata-se de critérios competitivos valorizados pelos empresários para se posicionarem no mercado.

Na região da Serra do Sudeste a vitivinicultura ganhou importância econômica, mais recentemente, a partir de investimentos efetuados por vinícolas localizadas na Serra Gaúcha. São cultivadas castas de *Vitis vinifera*, com predominância das uvas tintas. A produtividade dos vinhedos na região situa-se entre 8 e 12 t/ha, dependendo da cultivar e das condições climáticas da safra (PROTAS; CAMARGO, 2010).

A Serra do Sudeste é uma região formada por sucessivas ondulações no terreno (coxilhas gaúchas), com altitudes que variam entre 400 e 500 metros. Mesmo não tendo tradição na atividade vitivinícola, contata-se que essa região vem sendo considerada como um dos mais novos *terroirs* do Rio Grande do Sul. No ano de 2014 a região Serra do Sudeste produziu 4,76 milhões quilos de uvas. As uvas híbridas e americanas somaram 1,84 milhões de quilos e as viníferas 2,92 milhões de quilos comprovando a especialização da região para uvas destinadas a produção de vinhos finos (COPELLO, 2015; IBRAVIN, 2015).

É importante ressaltar que a produção de uvas na região Serra do Sudeste é utilizada para abastecer vinícolas de outras regiões como a da Campanha e da Serra Gaúcha. No entanto, no ano de 2000 instalou-se a primeira vinícola da região o que demonstra maiores investimentos nessa atividade (COPELLO, 2015).

A Região de Campos de Cima da Serra está localizada na divisa com o estado de Santa Catarina, é formada por um conjunto de encostas e imensos paredões cuja altitude varia dos 900 aos 1.100 metros. Essa região conta com uma pequena área que ganha destaque em função dos vinhos e espumantes oriundos de municípios como: Bom Jesus, Jaquirana, São Francisco de Paula e Vacaria. Em 2014 a região produziu 7,19 milhões de quilos de uva (COPELLO, 2015; IBRAVIN, 2015).

Ao descrever as principais regiões produtoras de uvas do Rio Grande do Sul, constataram-se modificações locais, com destaque para a região Serra do Sudeste, região



que não apresentava tradição na produção vitivinícola. Na terceira parte deste trabalho encontram-se os procedimentos metodológicos e logo na sequência os resultados os quais trazem uma análise a respeito das alterações espaciais da produção de uvas no estado do Rio Grande do Sul.

3 METODOLOGIA

A área escolhida para esse estudo foi o Estado do Rio Grande do Sul. O Rio Grande do Sul é um dos 26 estados do Brasil e está situado na Região Sul do País. Faz divisa com o estado de Santa Catarina, fronteira com a Argentina e o Uruguai e limite com o Oceano Atlântico. Apresenta uma população de 10.905.200 habitantes, aproximadamente 6% do total da população brasileira, e uma área de 281.748,5 km² (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE, 2015).

O Estado do Rio Grande do Sul possui uma grande diversidade cultural e de paisagens. Em sua formação étnica destaca-se a presença de descendentes de povos indígenas, negros e europeus. O relevo apresenta altitudes que variam até 1.398 metros, o clima é o subtropical com baixas temperaturas e a vegetação é diversificada com importantes áreas remanescentes da Mata Atlântica e a existência de campos, que caracterizam a Campanha Gaúcha e as terras altas do Planalto Meridional (SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL – SEPLAN/RS, 2015).

Para analisar a especialização da produção de uva do Estado do Rio Grande do Sul e do perfil locacional dessa produção no período de 1995 a 2013 tomaram-se como unidades básicas de estudo as Microrregiões Geográficas, definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1976. Conforme a divisão do IBGE, o Rio Grande do Sul possui trinta e cinco microrregiões (Figura 2).

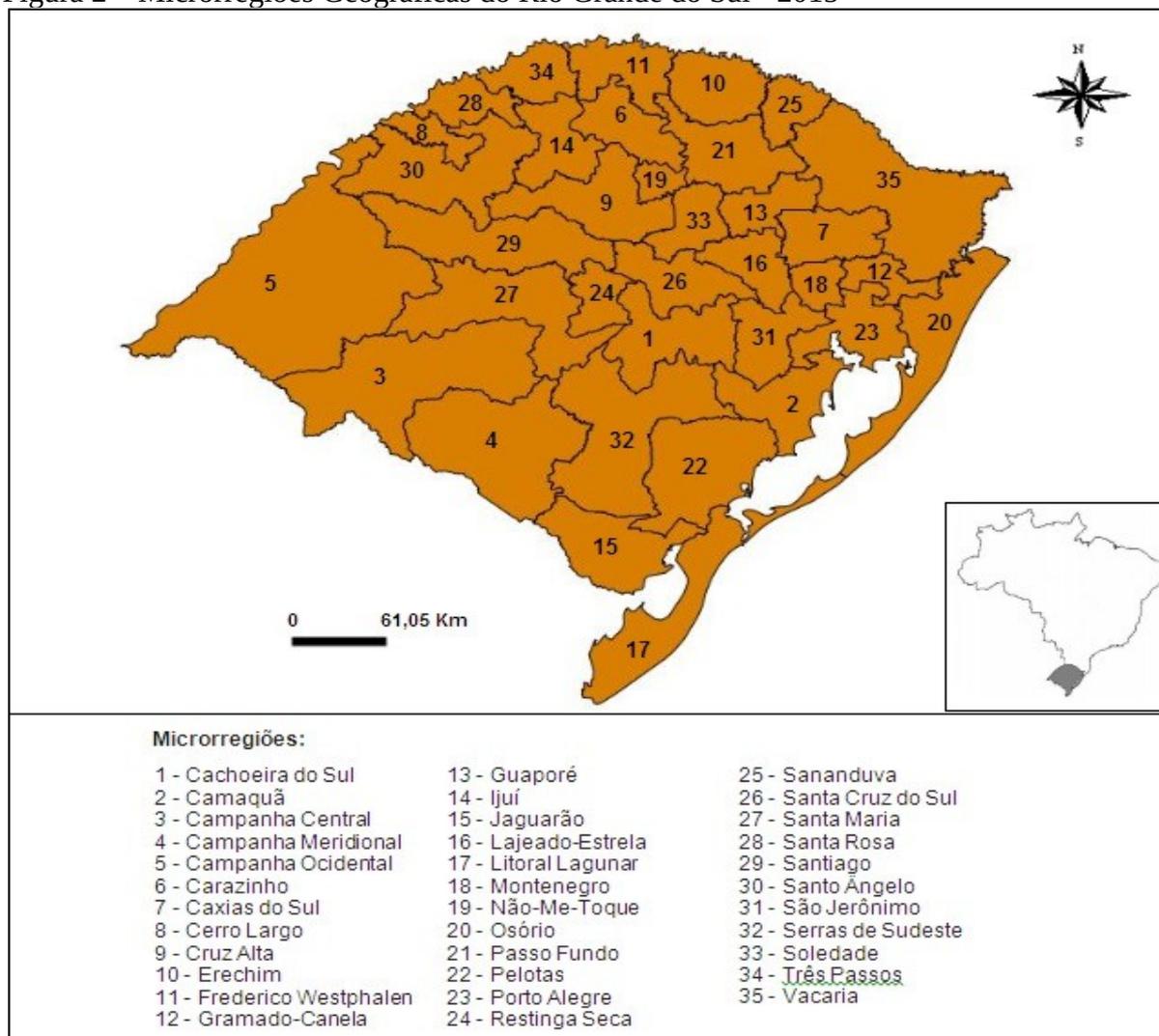
Em relação à coleta dos dados, a mesma se deu de forma secundária. As informações sobre o valor da produção da uva e o valor da produção total da lavoura permanente foram coletadas através da base de dados disponível junto a Produção Agrícola Municipal do banco de dados do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

Para a estimativa do Quociente Locacional (QL) coletou-se dados do valor da produção da uva e do valor da produção total da lavoura permanente para os anos de 1995, 2001, 2007 e 2013. O período de tempo selecionado, 1995 a 2013, justifica-se pela disponibilidade dos dados e por se considerar um período significativo, no qual se evidenciam as modificações locais sofridas pelas microrregiões rio-grandenses em relação à produção de uva e conseqüentemente pelo Estado do Rio Grande do Sul como um todo.

Justifica-se também por compreender uma fase importante para o desenvolvimento da viticultura gaúcha através da implementação de novas tecnologias nas videiras direcionadas à adaptação da produção em solo e clima específico para cada região, bem como os ganhos em competitividade que a atividade agregou com o processo de reconversão da plantação em espaladeira, principalmente, no tocante a produção de uvas finas (*vitis viniferas*) para produção de vinhos.



Figura 2 – Microrregiões Geográficas do Rio Grande do Sul - 2015



Fonte: Elaboração Própria.

3.1 MÉTODOS DE ANÁLISE REGIONAL

Os primeiros pesquisadores a aplicar e sistematizar os indicadores de análise regional no Brasil foram Lodder (1971) e Haddad (1989). Outros pesquisadores como: Alves et al.



(2006), Costa (2002), Ferrera de Lima et al. (2006), Piffer (1997; 2009), Piacenti e Ferrera de Lima (2012) fazem referência a esse instrumental analítico.

Para a estimativa do indicador de análise regional Quociente Locacional (QL), procedeu-se à construção da matriz de informações: organizaram-se as informações em uma matriz que relacionou a distribuição setorial-espacial do valor da produção. Com as matrizes construídas, o cálculo do QL permitiu descrever padrões de distribuição espacial da produção de uva nas diferentes microrregiões rio-grandenses.

3.1.1 A matriz de Informações Espaciais

As informações foram organizadas em uma matriz, na qual cada linha mostra a distribuição total do valor da produção da uva entre as diferentes microrregiões rio-grandense, e cada coluna mostra como o valor da produção total da lavoura permanente de uma dada microrregião se distribui entre o total da produção.

Para a construção da matriz espacial define-se:

VP_{ij} = valor da produção da uva i da microrregião j ;

$VP_{.j} = \sum_i VP_{ij}$ = valor da produção total da lavoura permanente da microrregião j ;

$VP_{i.} = \sum_j VP_{ij}$ = valor da produção da uva i de todas as microrregiões;

$VP_{..} = \sum_i \sum_j VP_{ij}$ = valor da produção total da lavoura permanente de todas as microrregiões.

Assim, pode-se apresentar a matriz de informação da seguinte forma:

Figura 3 - Matriz de informação

	←----- Microrregião j -----→		
	↑		$\sum_j VP_{ij}$
↑ Subsetor i ↓	←----- VP_{ij} -----→		
	↓		
	$\sum_i VP_{ij}$		$\sum_i \sum_j VP_{ij}$

Fonte: Adaptado de Haddad (1989, p. 226).



A partir da matriz espacial, são derivadas outras duas que mostram, em termos percentuais, a distribuição do valor da produção da uva em cada microrregião, e a distribuição do valor da produção da uva entre as microrregiões:

$$i^e j = \frac{VP_{ij}}{\sum_i VP_{ij}} \quad (1)$$

$$j^e i = \frac{VP_{ij}}{\sum_j VP_{ij}} \quad (2)$$

sendo: $\sum_i i^e j = 1,00$; $\sum_j j^e i = 1,00$; $i^e . = \sum_j i^e j$; e $j^e . = \sum_i j^e i$

Neste trabalho selecionou-se como medida de análise regional o Quociente Locacional a fim de verificar as alterações locais na produção vitícola do Rio Grande do Sul.

3.2 QUOCIENTE LOCACIONAL

O Quociente Locacional (QL) da uva i na microrregião j foi definido como:

$$QL_{ij} = \frac{VP_{ij}/VP_{i.}}{VP_{.j}/VP_{..}} \quad (3)$$

O QL comparou a participação percentual de uma microrregião, em relação ao valor da produção da uva, com a participação percentual da mesma microrregião, em relação ao valor da produção total de lavoura permanente no Estado do Rio Grande do Sul. Se o valor do quociente for maior do que 1 (um), isto significa que a microrregião foi, relativamente, mais importante no contexto estadual, em termos do valor da produção da uva, do que em termos do valor da produção total de lavoura permanente.

4 DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA VITICULTURA

A atividade vitícola brasileira ocupa uma área de aproximadamente 83.700 hectares, com uma produção anual variando entre 1.300 e 1.400 mil toneladas. Em 2010, aproximadamente 57% da produção total foi comercializada como uvas de mesa e 43% destinada ao processamento de vinhos e suco de uva. A cultura está difundida desde o Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte e Ceará (MELLO, 2011).

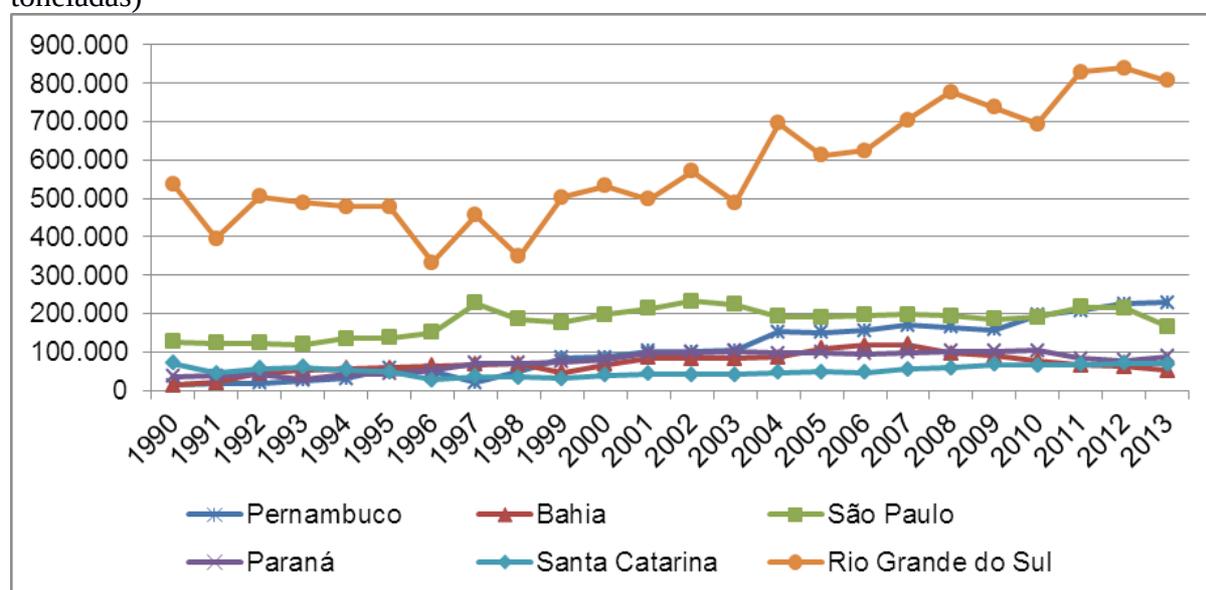
Analisando a produção nacional verifica-se uma redução de 0,52% na produção de uvas no Brasil em relação ao ano de 2011. A maior redução da produção ocorreu no Estado do Paraná (-32,86%). Também ocorreu redução de produção nos Estados da Bahia (-4,80%) e de



São Paulo (-0,18%). Já em Pernambuco, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, houve um aumento da produção de uvas de 7,71%, 4,64% e 1,29%, respectivamente, em relação ao ano de 2011 (MELLO, 2013).

São Paulo segundo maior produtor nacional até 2012 perde colocação para o Estado de Pernambuco que vem mostrando importância desde 2004 quando se distancia dos demais produtores como Paraná, Bahia e Santa Catarina. A queda na produção de uva em São Paulo, de 214.684 toneladas em 2012 para 166.602 toneladas em 2013, contribuiu ainda mais para o destaque da produção pernambucana que passou a ser o segundo estado com maior produção vitícola do país e vem aumentando sua produção quase que constantemente (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Produção de uva no Brasil e principais estados produtores - 1990 a 2013 (em toneladas)



Fonte: IBGE, 2015.

O Estado do Rio Grande do Sul possui quantidade produzida superior a todos os estados, de 1990 a 2013. No ano de 2013, do total de uva produzida nacionalmente, 1.439.535 toneladas, o Rio Grande do Sul foi responsável por 56,11% desse total. Dessa forma, verifica-se a significativa representatividade que o Estado do Rio Grande do Sul possui na produção de uva nacional (IBGE, 2015).

No Rio Grande do Sul são mais de 600 empresas entre pequenas, média e grande que atuam na produção de vinhos, sucos e derivados da uva. Reconhecidamente o Rio Grande do Sul é o estado com maior produção vinícola do Brasil, com aproximadamente 90% dos vinhos produzidos. A atividade ganhou dimensão importante com a produção e comércio de vinhos, no decorrer dos anos foram criadas empresas e instituições que contribuíram para que a viticultura e os produtos derivados dela ganhassem prestígio e destaque (PROTAS; CAMARGO, 2010).



Várias regiões que produzem uvas e vinhos no Rio Grande do Sul acabaram por desenvolver um conjunto sucessivo de ações entre os diferentes agentes de forma a minimizar as perdas e obter maior avanço tecnológico, os quais por si passam a refletir na quantidade e qualidade do produto final apresentado, de forma a tornar mais eficaz todo o processo produtivo, proporcionando um maior valor agregado final.

Nesse contexto, verifica-se que o Estado do Rio Grande do Sul em todo o período analisado se destaca como maior produtor nacional. A produção de uva do Rio Grande do Sul passou de 538.705 toneladas em 1990, para 807.693 toneladas em 2013, em uma área colhida de 49.783 hectares o que representa uma média de 16,22 toneladas produzidas por hectare (Gráfico 1). Porém esta produção não se distribui uniformemente por todo o estado, sendo que algumas regiões demonstraram maior especialização nessa atividade produtiva do que outras.

4.1 ESPECIALIZAÇÃO LOCACIONAL DA PRODUÇÃO DA UVA GAÚCHA

No período analisado, 1995 a 2013, ocorreram algumas mudanças no perfil vitícola entre as microrregiões rio-grandenses. No ano de 1995, das 35 microrregiões gaúchas apenas três delas eram fortemente especializadas na produção de uva (Passo Fundo, Caxias do Sul e Campanha Central). Outras treze microrregiões apresentavam média especialização (Cerro Largo, Ijuí, Três Passos, Carazinho, Frederico Westphalen, Erechim, Sananduva, Não-Me-Toque, Guaporé, Gramado-Canela, Restinga Seca, Campanha Meridional e Litoral Lagunar) e dezenove microrregiões se mostraram com fraca especialização (Campanha Ocidental, Santo Ângelo, Santa Rosa, Santiago, Cruz Alta, Santa Maria, Soledade, Santa Cruz do Sul, Cachoeira do Sul, Serras de Sudeste, Jaguarão, Pelotas, Camaquã, São Jerônimo, Lajeado-Estrela, Montenegro, Porto Alegre, Osório e Vacaria) (Figura 4).

Das três microrregiões mais especializadas, Passo Fundo, Caxias do Sul e Campanha Central, destaca-se a microrregião de Caxias do Sul que em 1995 atingiu um valor da produção da uva de 528.383,53 mil reais, o que representa 80,14% do total do valor da produção da uva estadual.

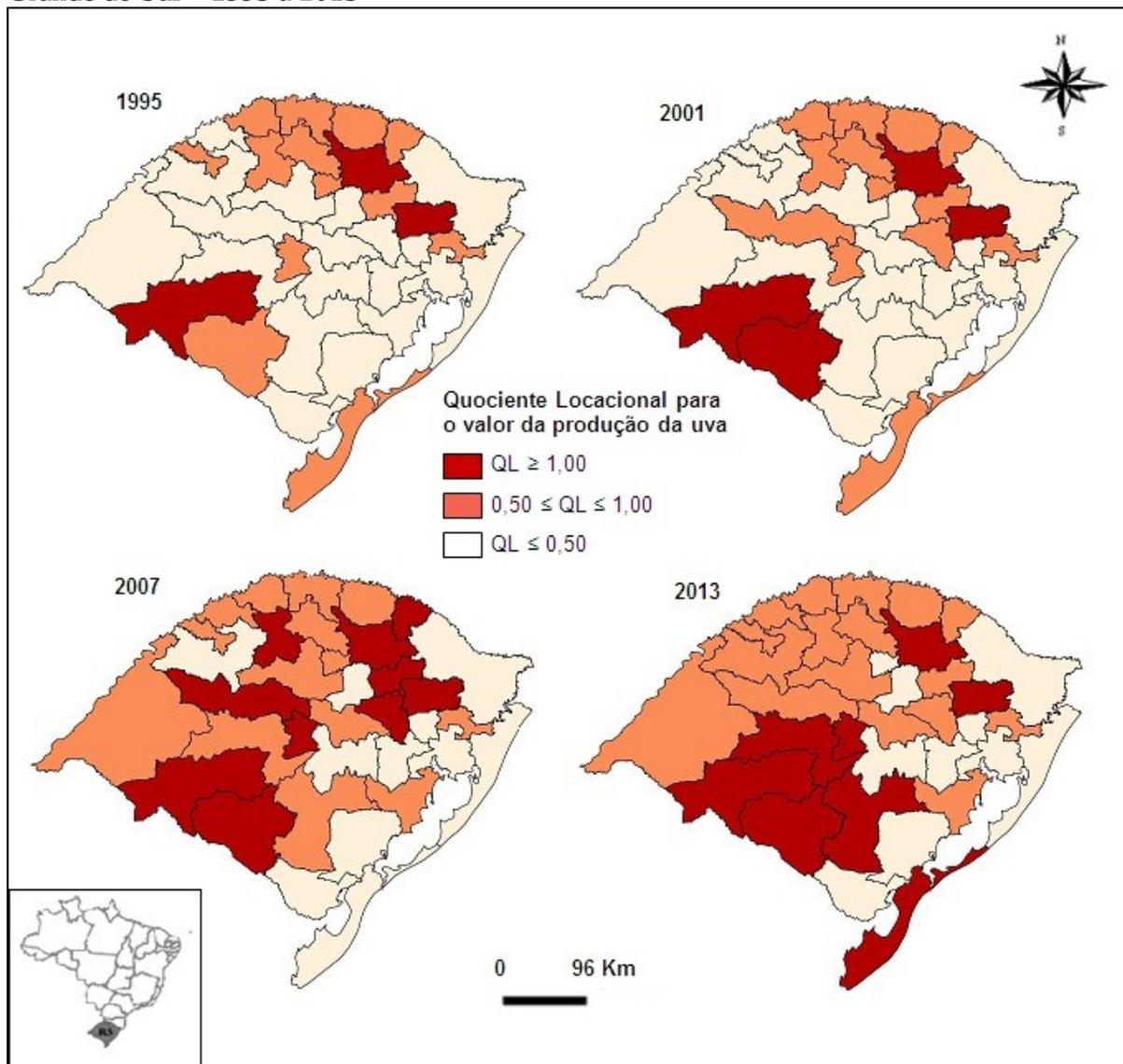
Em 2001, a microrregião da Campanha Meridional passa a ser significativa, além das microrregiões de Passo Fundo, Caxias do Sul e Campanha Central que permaneceram representativas nesse período. Verifica-se que a microrregião de Cerro Largo que em 1995 apresentava-se com média especialização passou a fraca em 2001. As microrregiões de Santiago e Lajeado-Estrela passaram de fraca especialização em 1995 para média em 2001. As demais microrregiões não demonstraram alterações nesse período (Figura 4).

No ano de 2007 o número de microrregiões especializadas na produção de uva no Rio Grande do Sul passou para dez (Sananduva, Ijuí, Passo Fundo, Guaporé, Caxias do Sul, Santiago, Restinga Seca, Lajeado-Estrela, Campanha Central e Campanha Meridional). Isso demonstra que, de modo geral, o estado do Rio Grande do Sul especializou-se nessa atividade agrícola. Dessa forma, verificou-se que vem ocorrendo um aumento no número de microrregiões que passaram de uma especialização fraca ($QL < 0,50$) para uma especialização média ($0,50 < QL < 1$), como as microrregiões da Campanha Ocidental, Santa Maria, Cerro Largo, Santa Rosa, Cruz Alta, Santa Cruz do Sul, Serras de Sudeste, e Camaquã, bem como



microrregiões que passaram de uma especialização média ($0,50 < QL < 1$) para uma especialização forte ($QL > 1$), como Ijuí, Sananduva, Guaporé, Lajeado-Estrela, Santiago, Restinga Seca. A única microrregião que perde destaque em 2007 é a microrregião do Litoral Lagunar que se mostrava com média especialização nos anos de 1995 e 2001 e em 2007 apareceu com fraca especialização (Figura 4).

Figura 4 - Padrão locacional do valor da produção da uva nas microrregiões do Estado do Rio Grande do Sul – 1995 a 2013



Fonte: Resultados da pesquisa a partir dos dados do SIDRA/IBGE (2015).



Em 2013 há um total de oito microrregiões que se mostraram fortemente especializadas na produção de uva, são elas: Passo Fundo, Caxias do Sul, Santa Maria, Restinga Seca, Campanha Central, Campanha Meridional, Serras de Sudeste e Litoral Lagunar. Destaque para as microrregiões de Santa Maria e Serras de Sudeste que nos anos de 1995 e 2001 apresentaram fraca especialização, no ano de 2007, média especialização e em 2013 apresentaram forte especialização. Já as microrregiões de Santiago, Ijuí, Sananduva e Guaporé que apresentavam forte especialização em 2007, passam a ter média especialização. Outra microrregião que perdeu representatividade na produção de uva em 2013 foi a microrregião de Não-Me-Toque que se mostrou com média especialização nos demais anos e em 2013 apresentou fraca especialização.

Assim, analisando todo o período verifica-se que apenas três microrregiões (Passo Fundo, Caxias do Sul e Campanha Central) apresentaram forte especialização, ou seja, $QL > 1$ nos quatro anos analisados. Verifica-se que a participação percentual no valor da produção da uva dessas microrregiões ficou dentre os maiores do estado para todo o período. Em 2013, a microrregião de Caxias do Sul representou 67,38% do valor da produção de uva estadual (388.255,00 mil reais). Já as microrregiões de Passo Fundo e Campanha Central representaram: 1,42% (8.210,00 mil reais) e 2,99% (17.228,00 mil reais), respectivamente.

As microrregiões de Passo Fundo, Caxias do Sul e Campanha Central tiveram uma participação percentual média na produção vitícola em relação a outros produtos de lavoura permanente de 30,75%, 41,60% e 42,10%, respectivamente. Mostrando que parcela significativa do valor da produção da lavoura permanente dessas microrregiões é referente à atividade vitícola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal analisar a distribuição locacional da viticultura nas microrregiões do Rio Grande do Sul no período de 1995 a 2013. Além da análise descritiva, utilizou-se como indicador de análise regional o Quociente Locacional para indicar as mudanças e tendências espaciais sofridas pelas microrregiões gaúchas.

Os resultados corroboram para uma desconcentração na produção da uva no Rio Grande do Sul. Em 1995 a produção estava mais concentrada na região norte do estado e ao longo do período estudado foi se dispersando em sentido oeste e sul, considerando as microrregiões que apresentaram média e forte especialização na produção de uva.

No ano de 2013, foi possível verificar a formação de um novo centro produtor no centro-sul do estado do Rio Grande do Sul. Reforçando a participação da região da Campanha Gaúcha. É importante destacar a ligação com a região da Serra do Sudeste. Essas duas regiões não possuíam tradição na produção de uvas, principalmente, para produção de vinhos finos e nos últimos anos vêm se destacando na atividade vitícola.

No entanto, ressalta-se que mesmo com a desconcentração espacial do valor da produção da uva no estado do Rio Grande do Sul, a microrregião de Caxias do Sul permaneceu como maior produtora em todo o período e sua participação continua sendo consideravelmente superior as demais microrregiões. A microrregião de Caxias do Sul faz



parte da região da Serra Gaúcha a qual possui tradição na produção de uvas para a produção de vinhos finos e sucos.

Portanto, constatou-se que mesmo a produção de uva permanecendo concentrada na região da Serra Gaúcha, existe uma sinalização de desconcentração no sentido Centro-Sul do Estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J.; RIPPEL, R.; PIACENTI, C. A. O continuum, a localização do emprego e a configuração espacial do oeste do Paraná. **Revista de História Econômica e Economia Regional Aplicada**. Vol. 1, n. 2. 2006.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BLUME, R. **Explorando os recursos estratégicos do terroir brasileiro**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2008.

BRUM NETO, H.; BEZZI, M. L. Região, identidade cultural e regionalismo: a campanha gaúcha frente às novas dinâmicas espaciais e seus reflexos na relação campo-cidade. Dossiê – Relação campo-cidade. **Temas & Matizes**. nº 16. Segundo semestre. 2009.

COPELLO, M. As regiões produtoras do Brasil. **Revista Anuário Vinho do Brasil**. Baco multimídias. São Paulo. SP. 2015.

COSTA, J. S. (Org.). **Compêndio de economia regional**. APDR. Coimbra: Gráfica de Coimbra Lda., Lisboa, APDR, 2002.

ENGELMANN, D. **Da estância ao parreiral**: um estudo de caso sobre a vitivinicultura em Santana do Livramento. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós Graduação em Administração. Porto Alegre: 2009.

FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; PIACENTI, C. A. Análise regional das mesorregiões do Estado do Paraná no final do século XX. **Revista Análise Econômica**. Ano 24, n. 46. 2006.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – FEE. **Indicadores**. Disponível em: < <http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/>>. Acesso em: 14 mai. 2017.



HADDAD, P. R. Medidas de localização e de especialização. In: HADDAD, P. R. Org. **Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise**. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil. ETENE, 1989.

_____. Regionalismo e desequilíbrios regionais. **Indicadores Econômicos FEE**. V.21, nº2. Porto Alegre, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Sistema IBGE de recuperação automática - SIDRA. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO – IBRAVIN - **Dados estatísticos – Produção de uvas**. Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br/dados-estatisticos>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

LODDER, C. A. **Padrões locacionais e desenvolvimento regional**. 1971. 187 p. Dissertação (Mestrado em Economia) Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas.

MELLO, L. M. R. **Viticultura brasileira: panorama 2010**. Embrapa Uva e Vinho, Artigos Técnicos, 2011. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/prodvit2010.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

_____. **Viticultura Brasileira: Panorama 2012**. Embrapa Uva e Vinho, Comunicado Técnico 137. 1ª Ed., Bento Gonçalves, 2013. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/comunicado/cot137.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

NORTH, D. C. A. Agricultura no crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN (Org.) **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

_____. **Custos de transação, instituições e desempenho econômico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2006.

PAIVA, C. A. N. **Desenvolvimento regional, especificações e suas medidas. Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2006.

PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. (Orgs.) **Análise regional: Metodologias e Indicadores**. Curitiba, PR: Camões, 2012.



PIFFER, M. **A dinâmica do Oeste paranaense**: sua inserção na economia regional. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal do Paraná – UFPR, 1997.

_____. **A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do Paraná no final do século XX**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

PITTE, J. R. **O desejo do vinho conquistando o mundo**. Tradução de Carmem Ferrer, São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2012.

PROTAS, J. F. da S.; CAMARGO, U. A. **Vitivinicultura brasileira: panorama setorial**. Brasília, DF: SEBRAE, 2010.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. (In) SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias e conflitos. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL – SEPLAN/RS. Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/atlas/conteudo.asp?cod_menu_filho=791&cod_menu=790&tipo_menu=APRESENTACAO&cod_conteudo=1328>. Acesso em: 14 mai. 2017.

ALBERT, C.; VIEIRA, C; BAGOLIN, I. P. A produção vitivinícola de Mendonza - Argentina e da Serra Gaúcha - Brasil: uma análise comparativa a luz das teorias de desenvolvimento regional. **Texto para discussão n° 4**. PPGE – PUCRS. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/ppgfiles/files/faceppg/ppge/texto_4.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

*Recebido em 17/04/2018
Aprovado em 07/06/2018*